



University of  
Texas Libraries

REDIB  
Red Iberoamericana  
latindex

e-revist@s

Sumários.org



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 3, art. 9, p. 150-165, mar. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.3.9

DOAJ DIRECTORY OF  
OPEN ACCESS  
JOURNALS

WZB  
Wissenschaftszentrum Berlin  
für Sozialforschung



## Crianças e Velhice: Intergeracionalidade e Abordagem do Tema no Ensino Fundamental

## Children and Elderly: Intergenerationality and Addressing the Issue in Elementary School

### Juliana Archiza Yamashiro

Doutora em Educação Especial pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da UFSCar

Email: julianayamashiro87@gmail.com

### Thalita Rosa Trindade

Graduada em Terapia Ocupacional pela UFSCar

Email: thalita-trindade@hotmail.com

### Thelma Simões Matsukura

Pós-Doutorado pela Università Degli Studi di Perugia, Itália

Doutora em Saúde Mental pela Universidade de São Paulo

Professora Titular do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos

Email: thelmamatsukura@gmail.com

### Endereço: Juliana Archiza Yamashiro

Universidade Rua Ennes Bueno, 70, Pq Fehr, São Carlos  
SP - CEP 13563-760, SP, Brasil.

### Endereço: Thalita Rosa Trindade

Rod. Washington Luís, km 235 – Moradia Estudantil –  
Apartamento 01, Bloco 03 – São Carlos - CEP 13565-  
905, SP, Brasil.

### Endereço: Thelma Simões Matsukura

Universidade Federal de São Carlos – Rod. Washington  
Luís, km 235 - São Carlos - CEP 13565-905, SP, Brasil.

### Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 26/11/2019. Última versão  
recebida em 17/12/2019. Aprovado em 18/12/2019.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review  
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review  
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação

Apoio e financiamento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



## RESUMO

Com o aumento de expectativa de vida, o número de famílias e de convivências multigeracionais se ampliou sobremaneira nos últimos anos. Em relação à infância, a educação gerontológica, em diferentes âmbitos, é apontada como ferramenta relevante para melhor visão e formação da criança sobre a velhice. O presente estudo objetivou compreender sobre a convivência e relacionamentos intergeracionais entre crianças do ensino fundamental e pessoas idosas e, identificar possíveis práticas escolares voltadas ao tema, sob a ótica dos alunos. Tratou-se de estudo qualitativo, que contou com a participação de 20 crianças do ensino fundamental de uma escola pública do interior do estado de São Paulo. As crianças foram distribuídas em dois grupos de faixa etária: 7 anos e 11 anos. Para a coleta de dados foi utilizado um Questionário Semiestruturado que abordou as opiniões das crianças sobre o Envelhecimento e Pessoas Idosas e, também, sobre a abordagem da temática na escola. Os resultados sobre o relacionamento intergeracional sugerem que a convivência entre crianças e idosos fica menos frequente com o passar do tempo. Além disso, verificou-se que os alunos de ambos os grupos apresentam dúvidas sobre a velhice e indicam que o tema é pouco abordado na escola. A partir dos resultados, discute-se sobre os relacionamentos intergeracionais e a necessidade de implementação de ações de educação gerontológica no contexto escolar, considerando que as mesmas são potentes não só para a aproximação das gerações, como também para o exercício da convivência com a diversidade desde a infância.

**Palavras-Chave:** Educação Gerontológica. Relacionamentos Intergeracionais. Crianças.

## ABSTRACT

With the increase in life expectancy, the number of families and multigenerational coexistence has increased greatly in recent years. In relation to childhood, gerontological education, in different areas, is pointed out as a relevant tool for better vision and formation of the child about old age. This study aimed to understand the coexistence and intergenerational relationships between elementary school children and the elderly and to identify possible school practices focused on the theme, from the students' perspective. This was a qualitative study, which involved the participation of 20 elementary school children from a public school in the interior of the state of São Paulo. The children were divided into two age groups: 7 years and 11 years. For data collection we used a Semi-Structured Questionnaire that addressed the opinions of children on Aging and Elderly and also on the approach of the subject in school. Results on intergenerational relationships suggest that coexistence between children and the elderly becomes less frequent over time. Also, it was found that the students of both groups have doubts about old age and indicate that the topic is poorly addressed in school. Based on the results, it is discussed about intergenerational relationships and the need to implement gerontological education actions in the school context is highlighted, considering that they are powerful not only for the approximation of generations, but also for the exercise of living with diversity since childhood.

**Keywords:** Gerontological Education. Intergenerational Relationships. Children.

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vivencia-se o fenômeno do envelhecimento populacional no mundo. Com esse aumento da longevidade, a convivência com idosos tem se tornado mais comum e o papel de avós é exercido por mais tempo (SOUZA, 2014). Como afirma Oliveira “O século XXI será o século dos avós” (OLIVEIRA, 2009, p. 14). Neste contexto, surge a preocupação em analisar a relação avós-netos, numa sociedade que perpassa por constantes modificações e novos arranjos familiares (SOUZA, 2014).

Pesquisadores da área apontam que conviver e dialogar com os avós promove o aprendizado e a valorização de sua cultura e valores (MENDES; ALVES, 2004). Eles também exercem um papel imprescindível na vida dos netos e da família ao agir como intermediários entre o passado, o presente e o futuro (SCHMIDT, 2007).

Contudo, autores indicam que tal relação é mutuamente importante para todos os envolvidos (SCHMIDT, 2007; YAMASHIRO; MATSUKURA, 2015). Sob esta perspectiva, aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos, vencer discriminações e promover ao máximo os benefícios dos relacionamentos intergeracionais (DIAS; SILVA, 2003; NERI, 1995).

O processo constitutivo da criança sobre o viver e envelhecer está diretamente relacionado com o que ocorre a sua volta, conforme o contexto em que está inserida (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006). Desta forma, o fato de conviver com um idoso, mesmo não sendo familiar, pode influenciar a atitude da criança em relação à velhice e temas relacionados ao envelhecimento (LUCHESE; PAVARINI; VIANA, 2012).

Segundo Mazutti e Scortegagna (2006), junto ao contexto familiar temos o contexto escolar, no qual a criança inicia suas relações com o mundo. É no contexto escolar como um todo e também na sala de aula, que ocorrem as trocas de significativas interações que promovem o desenvolvimento das crianças através da aprendizagem, adquirindo conhecimento e saberes (MÜHL; ESQUINSANI, 2004).

O estudo realizado por Yamashiro e Matsukura (2015), apontou que os avós representam importante fonte de ajuda instrumental, prática e emocional ao neto. Da mesma forma, os netos fornecem variados tipos de auxílio aos avós, por meio de práticas de apoio instrumental ou mesmo por meio do exercício da conversa e da escuta. As autoras observam assim, que tais relacionamentos influenciam no desenvolvimento saudável e bem-estar de ambas as gerações e apontam para a necessidade de estudos nacionais que abordem sobre os

diferentes aspectos presentes nos relacionamentos intergeracionais, dando destaque para a participação de crianças.

Considerando a necessidade de aprofundamento sobre o tema e compreendendo que avançar no conhecimento que se tem sobre relacionamentos intergeracionais e convivência com idosos e crianças pode contribuir para a identificação dos processos presentes na cultura e na realidade social, que impactam nestas relações para ambas as gerações, o presente estudo se debruça sobre a convivência e os relacionamentos intergeracionais entre crianças do ensino fundamental e idosos. Neste sentido, esse estudo objetivou compreender sobre a convivência e relacionamentos intergeracionais entre crianças do ensino fundamental e pessoas idosas e, também, identificar possíveis práticas escolares voltadas ao tema velhice e envelhecimento, sob a ótica dos alunos.

## 2 METODOLOGIA

O presente estudo, ancorado em pesquisa mais ampla<sup>1</sup>, tem caráter exploratório e adotou abordagem qualitativa.

A pesquisa obteve aprovação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar (Número do Parecer 1.719.257).

Participaram do estudo, por conveniência, 20 alunos do ensino regular fundamental de uma escola municipal, de uma cidade de grande porte do interior do estado de São Paulo. Os participantes foram divididos em dois grupos: GC7 - composto por 14 crianças com 7 anos de idade e, GC11 – composto por 6 crianças com 11 anos de idade.

Os critérios adotados para a inclusão neste estudo foram: ser matriculado no ensino fundamental público, aceitar participar do estudo e receber autorização dos pais para a participação por meio da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido e do termo de assentimento.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário composto por questões abertas e fechadas, que objetivou caracterizar os participantes e identificar questões relacionadas ao convívio e relacionamentos da criança com idosos, dentre outras.

Os dados foram analisados descritivamente e por meio da Técnica do Discurso do Sujeito Coletivo – DSC (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). Tal técnica prevê a formação de DSCs, que são discursos-síntese enunciados na primeira pessoa do singular, os quais representam a fala ou o depoimento de uma coletividade (LEFÈVRE *et al*, 2002).

---

<sup>1</sup> Pesquisa de Doutorado desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (PPGEEs/UFSCar), financiada pela CAPES.

Tem-se como operadores do DSC as Expressões-chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e/ou Ancoragens (AC), que são, respectivamente: segmentos do discurso que revelam a essência da sentença (ECH); descrição sintética e precisa do sentido das ECH, ou seja, o que o entrevistado quis dizer (IC) e; uma afirmação, expressão que revela uma dada teoria ou ideologia (AC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2010). Com esses operadores compõe-se um ou vários DSCs a partir das falas dos participantes.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação às pessoas com quem as crianças coabitam, observou-se que algumas famílias apresentam composição multigeracional. No grupo das crianças mais novas (GC7), por exemplo, quatro relataram morar com avôs/avós e; no grupo GC11, duas delas fizeram o mesmo relato.

Como verificado no presente estudo, pesquisas têm apontado que, atualmente, é comum encontrar a coabitação de uma família com três ou quatro gerações, (HERÉDIA; CASSARA; CORTELLETTI, 2007; SOUZA, 2006). Esse fato implica mudanças na configuração familiar, trazendo consigo desafios referentes às relações intergeracionais e que envolvem pontos positivos e negativos como, apoio entre as gerações, cuidados, trocas, aprendizados, mas também conflitos devido às diferentes experiências culturais, comportamentais, de atitudes e valores entre as gerações (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004).

Schmidt (2007) afirma que a família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivo-emocionais, da construção da identidade (SCHMIDT, 2007).

Assim, dada a importância da família para a constituição da criança, mostra-se imprescindível que formas alternativas de educação gerontológica sejam direcionadas para diferentes faixas etárias com o intuito de fortalecer os laços e potencializar/aprimorar os relacionamentos intergeracionais familiares (HERÉDIA, CASSARA; CORTELLETTI, 2007; CAMARANO, KANSO; MELLO, 2004; LUCHESI; PAVARINI; VIANA, 2012).

As crianças participantes deste estudo foram questionadas sobre quantos anos uma pessoa deve ter para começar a ser considerada idosa no Brasil. Em ambos os grupos, as crianças indicaram que o início desta fase se dá entre 60 a 70 anos. Tal dado sugere que tanto as crianças mais novas quanto as mais velhas possuem compreensão sobre da idade para que uma pessoa seja considerada idosa, de acordo com a legislação do Brasil (Lei nº 10.741, 2003).

Contudo, apesar desta observação em ambos os grupos de participantes, observou-se, ainda, que esse não é um conhecimento comum para todas as crianças participantes, como ilustra o DSC a seguir:

*“Tenho dúvida sobre saber a idade certa que começa o idoso”.* (DSC das crianças do GC7).

A literatura aponta que as crianças podem ser influenciadas a responder tal questão baseando-se em uma percepção corporal atrelada ao senso comum, usando marcadores identitários para delimitar quem é idoso: “Cabelos brancos, rugas, uso de bengala, óculos e dentadura são, para elas, marcas do corpo-velho.” (RAMOS, 2009, p. 243), e alguns desses marcos relacionados ao declínio físico do envelhecimento.

Essas representações são construídas ao longo das gerações e, portanto, variam conforme fatores sociais, culturais e políticos, além das experiências e vivências pessoais (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006).

Ademais, o DSC sugere a necessidade de ampliar o conhecimento que crianças possuem acerca da velhice e do envelhecimento. Sobre o assunto, a literatura da área tem apontado para o quanto as práticas de educação gerontológicas são positivas para a melhora do conhecimento das crianças com relação à velhice e aos idosos e também para as atitudes das mesmas para com tal geração (OLIVEIRA *et al.*, 2015; COTTLE; GLOVER, 2007; DUNHAM; CASADONTE, 2009).

Acerca de conviverem ou não com pessoas idosas, o relato das crianças participantes revelou que três crianças do GC7 não conhecem idosos. Nestes casos, tais participantes relataram também nunca terem aprendido sobre esse tema na escola. Ainda que não se tenha objetivado buscar correlações, hipotetiza-se que tal fato pode ter influenciado na concepção/identificação que elas têm da velhice.

Dentre as crianças que afirmam ter contato e/ou conviver com idosos, os avós maternos (n=9) e os bisavôs ganharam destaque no GC7, enquanto no grupo GC11, avós maternos (n=3), paternos (n=3), e também outras pessoas (n=2) foram citadas.

É importante destacar nesses resultados o quanto as crianças parecem estar limitadas à convivência apenas com os avós ou idosos integrantes do próprio grupo familiar, o que aponta para a necessidade de ampliação de convivências intergeracionais para além do ambiente familiar, por meio da existência de ações sociais e educativas. De qualquer forma, a literatura sustenta que o convívio positivo e favorável com os avós favorece o convívio e atitudes em relação a outros idosos, contribuindo para a diminuição de estereótipos negativos relacionados

à idade, refletindo em uma convivência mais pacífica e positiva, resultado de atitudes de tolerância e colaboração intergeracional (POSTIGO; HONRUBIA, 2010).

Outro resultado referente à convivência das crianças com seus avós aponta que, embora em ambos os grupos a maioria das crianças tenha relatado estabelecer contato frequente (diária, semanal e quinzenalmente), observou-se que no grupo das crianças mais novas essa prevalência parece ser ainda maior. Hipotetiza-se que com o aumento da idade as crianças precisem de menos supervisão dos avós, seu repertório de interesses em relacionamentos com pares da mesma idade possa ser maior, sua autonomia, interesses e desejos expandidos e, tais fatores associados possam fazer parte dos motivos da menor frequência de contato dos netos mais velhos com os avós.

Contudo, há de se destacar que a frequência e a intimidade nos contatos, mesmo que à distância, fortalecem as relações familiares e podem diminuir os impactos gerados pelas divergências intergeracionais, que podem aparecer porque as gerações têm diferentes padrões sociais e culturais (SCHMIDT, 2007; WAITES, 2007; WEGNER, BENITEZ, 2013).

Os encontros são ainda importantes para o fortalecimento dos relacionamentos e para a troca emocional (LEMOS; SANTOS; PONTES, 2009).

Ainda que não tenha sido foco no presente estudo, destaca-se que adentrar na casa dos avós virtualmente pode ser uma forma muito utilizada pelas crianças na atualidade. Esse meio possibilita a vivência de uma intimidade à distância e de um novo tipo de relacionamento e suporte entre as gerações, sendo uma possibilidade de remediar a escassez de contato quando avós e netos se encontram distantes geograficamente (ROSENMAYR; KOCKEIS, 1963; WILDING, 2006; RAMOS, 2014). Diante disso, estudos futuros poderiam contribuir para a compreensão do alcance deste tipo de contato.

Com relação à qualidade dos relacionamentos estabelecidos entre as diferentes gerações, observa-se que todas as crianças do GC7 avaliam ter um relacionamento positivo ("muito bom" ou "bom") com seus avós, enquanto no grupo das crianças mais velhas (GC11), o relacionamento foi descrito de forma positiva, mas também de forma negativa, como "muito difícil".

Este resultado soma à literatura que aponta a ocorrência de distanciamento de crianças mais velhas e idosos em comparação às mais novas (ARRAIS *et al*, 2012). Hipotetiza-se que na idade dos participantes de 11 anos, o início de questões relacionadas à adolescência pode estar surgindo e isso pode influenciar nos relacionamentos com os avós.

A seguir, através de DSCs, apresenta-se a opinião dos participantes do estudo quanto aos motivos para descreverem o relacionamento mantido com os avós de forma positiva:

*“Meus avós são muito legais, me amam e eu amo eles. Muito amor, atenção e cuidados! Sempre me visitam e vão na minha casa para me dar um beijo. Também, às vezes, nós vamos na casa deles e nos divertimos!”*. (DSC das crianças do GC7)

*“Todos os dias pela manhã, minha avó vai na minha casa. Meus avós me tratam muito bem. Eles são muito bons comigo!”*. (DSC das crianças do GC11)

O relato das crianças reforça o bom relacionamento estabelecido com os avós e evidencia o bom tratamento que recebem em um convívio baseado em afeto. É visto também, a importância que elas dão às visitas dos avós, bem como, sua companhia, o que revela e afirma a qualidade da relação estabelecida.

Segundo Tarallo (2015), a relação entre avós e netos pode ser entendida como uma relação de apoio mútuo ou codependência afetiva e financeira. Os avós contribuem com apoio emocional e financeiro, exercem as funções de aconselhamento e de estabelecimento de regras e limites, contrariando o senso comum sobre a permissividade excessiva dos mesmos. Em concordância com tais apontamentos da literatura, verifica-se por meio dos DSCs que se seguem, relatos referentes às questões afetivas e financeiras:

*“Todos os dias meu avô me dá dinheiro. A minha avó sempre leva bala e me dá presentes, e também dá presentes antes do nosso aniversário”*. (DSC das crianças do GC11).

Vale destacar também que, a relação das crianças de sete anos com seus avós evidencia traços de afetividade com a valorização dos encontros, do tratamento que recebem e o amor mútuo, conforme apresentado em DSC anterior. Já segundo o relato das crianças de 11 anos, a relação mostra-se também envolvida com recursos materiais e financeiros como forma de demonstração de afeto. Essas diferenças parecem sugerir que o relacionamento entre netos e seus avós muda com a transição da infância para o início da adolescência. De acordo com Tarallo (2015), ao alcançar certa idade os netos tendem a afastar-se dos avós, cabendo, também nesse momento, a educação para as relações intergeracionais.

O relato dos participantes revelou ainda que o relacionamento com os outros idosos se baseia em um convívio consequente da vizinhança. Hipotetiza-se que tais relacionamentos não sejam estreitos como os relacionamentos com os avós, mas positivos, a partir do relato das crianças.

*“Por atenção. Sou educado”*. (DSC das crianças do GC7)

*“Porque são meus vizinhos”*. (DSC das crianças do GC7)

*“Eu cumprimento e respeito, mesmo quando me dão uns puxões de orelha às vezes”.* (DSC das crianças do GC11)

*“Porque eu gosto deles! São legais comigo!”* (DSC das crianças do GC11)

Sobre o relacionamento das crianças com idosos que não fazem parte do núcleo familiar, tem-se o estudo internacional que contou com a participação de 380 crianças e 12 idosos, que atuaram como voluntários junto às salas de aulas destas crianças, o qual apontou que a participação dos idosos (não familiares) no ambiente escolar favoreceu a mudança de atitudes mais positivas por parte das crianças com relação à velhice. Desta forma, os autores concluíram que a interação intergeracional no contexto escolar pode favorecer as mudanças de atitudes de crianças com relação à velhice ainda que os objetivos primordiais da interação não sejam esses (DUNHAM; CASADONTE, 2009).

Com relação à existência de diálogos estabelecidos entre as crianças e seus pais sobre a velhice ou sobre pessoas idosas, participantes de ambos os grupos relataram conversar com os pais quando o tema surge em programas de TV ou ainda relataram não conversar com os pais sobre o assunto.

Tal resultado sugere que o papel da televisão parece exercer importante influência para que o assunto seja debatido entre as crianças e seus pais. A partir destes achados, reflete-se sobre o quanto esse meio de comunicação pode ser útil quanto às atitudes apresentadas pelas diferentes faixas etárias acerca da velhice, a forma de ver, lidar e interagir com essas pessoas. Desta forma, importa destacar para os riscos envolvidos na abordagem do tema por esse meio de comunicação.

Pratt (2005) sustenta que as crianças aprenderão sobre a velhice se forem ensinadas ou não, já que escutam e vivenciam experiências em seu dia-a-dia. A questão é o que elas aprenderão, já que podem não saber distinguir o que é fato e ficção, pois ainda não formaram esse papel crítico. Por isso a importância de que meios de comunicação e outros passem informações fidedignas acerca da velhice e do envelhecer, para que as crianças construam uma opinião centrada na realidade.

Outro aspecto revelado neste estudo foi a falta de diálogo domiciliar sobre o tema. Assim, ainda que a literatura aponte que é no contexto familiar e domiciliar que ocorre a formação de valores (RIBEIRO; BÉSSIA, 2015) bem como, o contato com a história da pessoa idosa (WAITES, 2007; MARANGONI; OLIVEIRA, 2010), este assunto não está presente nas conversas de todas as famílias deste estudo. Tal dado reforça a necessidade e importância de que as famílias sejam esclarecidas acerca do universo da velhice e tenham

estímulos e elementos para dialogar sobre o assunto, para tanto, práticas sociais e educativas devem ser realizadas para que tais estímulos possam ocorrer de forma correta e assertiva.

Com relação ao contato com o tema velhice/ envelhecimento no ambiente escolar, os participantes do estudo responderam ao questionamento sobre quantas vezes aprenderam na escola algo relacionado ao tema neste último ano. No GC7, a maioria das crianças (n=8) relatou nunca ter aprendido sobre o assunto na escola. No GC11, entretanto, algumas crianças declararam ter aprendido ao menos uma vez (n=4) ou duas vezes (n=2) sobre o assunto neste último ano.

Com esses resultados percebe-se que o número de crianças que não aprenderam sobre o conteúdo na escola é preocupante no GC7, ou seja, no 2º e 3º ano do ensino público fundamental. Enquanto no GC11 todas as crianças declararam já ter entrado em contato com o tema ao menos uma vez. Assim, o conteúdo parece estar presente, ainda que de forma parca e restrita, em outros anos que não os iniciais. Tal afirmação pode, ainda, ser melhor ilustrada a partir dos DSCs produzidos frente ao questionamento sobre o que as crianças participantes aprenderam na escola sobre este tema, conforme apresentados a seguir.

*“Nós temos que respeitar os idosos. Amar e acima de tudo respeitar”.*  
(DSC das crianças do GC7)

*“Envelhecimento a pessoa nasce, fica velho e morre. Eles vão crescendo e ficando velhos”.* (DSC das crianças do GC7)

*“É muito bom as crianças conviverem com os idosos”.* (DSC das crianças do GC7)

*“Que todos envelhecem, e que temos que ter muita paciência porque alguns idosos estão com problemas e ficam muito carentes. Também respeitar e saber viver sem preconceito”.* (DSC das crianças do GC11)

*“Quanto mais o tempo passa, mais ele envelhece”.* (DSC das crianças do GC11)

Os conteúdos abordados mostram temas superficiais e relacionados ao senso comum, mostrando o quanto a educação gerontológica é essencial.

Observa-se também que os DSCs das crianças mais novas (GC7) têm uma percepção mais positiva e afetuosa. Das crianças mais velhas (GC11) abordam pontos negativos e pouco da troca intergeracional.

Neste estudo, observa-se que a partir do relato dos alunos participantes, a abordagem realizada sobre o tema na escola é feita de forma escassa e parece não contemplar de forma

fidedigna os aspectos atrelados à velhice e ao envelhecer. Acredita-se que, a partir das dúvidas trazidas pelas crianças, seja possível que a escola desperte uma visão positiva perante a velhice e a pessoa idosa, e as sensibilize.

Vale ressaltar ainda que, observou-se a partir do relato das crianças, o quanto as mesmas valorizam este tipo de aprendizado; o quanto tais conhecimentos são importantes e influenciam num convívio mais positivo com os idosos ao seu redor.

Assim, os achados do presente estudo coincidem com a literatura, que aponta que pouco tem sido feito a respeito da educação gerontológica nas casas, escolas e comunidades, ressaltando-se a importância da escola como ambiente propício e potente para a realização de tal abordagem (MCGUIRE; KLEIN; COUPER, 2005; LUCHESI, 2011).

Os resultados do presente estudo e a literatura sustentam a necessidade da educação gerontológica que acarretará mudanças no âmbito escolar e na sociedade. A qualidade dos conteúdos aprendidos e das experiências vividas pelos alunos vai determinar a qualidade de suas relações com seu mundo (BOTH, 2006).

Reforçando sobre a pertinência da educação gerontológica, apresentam-se a seguir, os resultados advindos do questionamento feito aos participantes sobre as dúvidas que as crianças possuem acerca dos idosos e da velhice, onde as crianças do presente estudo relatam questionamentos de natureza diversa, como se observa nos discursos a seguir:

*“Tenho dúvida sobre saber como cuidar deles.”* (DSC das crianças do GC7)

*“Eu gostaria de saber como deve ser a vida daqueles idosos que a família abandona porque ficou velho ou doente. Se eles preferem ficar longe ou reencontrar com essas pessoas.”* (DSC das crianças do GC11).

Mostra-se nesses DSCs a curiosidade sobre essa fase da vida, onde os participantes apresentam questionamentos pertinentes aos cuidados a serem oferecidos, à longevidade e características da velhice como percebido em suas falas.

Quando lhes perguntado sobre se gostariam de saber mais sobre os idosos ou sobre o envelhecimento, as crianças apontam:

*“Saber se são felizes”.* (DSC das crianças do GC7)

*“Saber como vão ficando velhinhos e até quando eles vivem”.* (DSC das crianças do GC7)

*“Saber como lidar com uma pessoa idosa”.* (DSC das crianças do GC7)

*“Sobre o idoso, pois temos que saber escutar o que os idosos têm a nos ensinar e aprender com eles”.* (DSC das crianças do GC11).

Mais uma vez observa-se que as crianças apresentam variados tipos de curiosidades que poderiam ser dialogadas não só na escola, mas também com os pais ou com os próprios idosos. Tais afirmações reforçam o desejo que têm de aprender.

Percebe-se, ainda, que os questionamentos mudam ao longo do tempo, como visto a partir das falas dos dois grupos. As crianças mais novas (GC7) trazem questões relacionadas ao cuidado físico e emocional do idoso, enquanto as crianças mais velhas (GC11) trazem também uma preocupação da esfera social.

Sobre o lidar com/cuidar do idoso, a literatura traz que o cuidado informal geralmente é estabelecido por meio do contrato intergeracional, no qual os idosos que cuidaram dos seus filhos e netos esperam ser cuidados por eles na velhice. Logo, a função de cuidar e de ser cuidado é motivada pelo sentimento de reciprocidade, de responsabilidade, de gratidão e de afeto (WEGNER; BENITEZ, 2013; TARALLO, 2015).

Quanto às questões emocionais trazidas pelas crianças, hipotetiza-se que as dúvidas sejam derivadas do vínculo emocional que a relação de avosidade possui. Como apontam Wegner e Benitez (2013), nos lares multigeracionais o bem-estar dos avós é significativamente afetado pela qualidade das relações com seus filhos e netos, sendo os vínculos emocionais mais importantes que a proximidade física e a oportunidade de interação.

Já com relação às questões físicas, Gvozd e Dellaroza (2013) abordam que o idoso é visto pelos mais jovens com uma visão de incapacidade física e doença. Essas visões influenciam na formação da criança e o modo como ela encara a velhice. Contudo, a literatura aponta para a contribuição das trocas intergeracionais para uma concepção positiva do envelhecer (MAZUTTI; SCORTEGAGNA, 2006).

No âmbito social, segundo Tarallo (2015) os avós tendem a influenciar na socialização de seus netos, e constitui-se um elemento essencial para a troca intergeracional. Esse âmbito é influenciado por fatores que potencializam ou reduzem a oportunidade de interação social, podendo ser fatores de várias dimensões. As dúvidas caracterizadas nesse campo somam a esta compreensão.

As crianças demonstram possuir dúvidas de diferentes naturezas, o que aponta para a necessidade da abordagem do tema nos diferentes contextos de vivência das crianças, o que favoreceria a aprendizagem e poderia contribuir para relacionamentos na diversidade. Segundo Reali e Tancredi (2005), escola e família, como primeiros cenários de atuação

infantil, compartilham da tarefa de preparar as crianças para a inserção crítica, participativa e produtiva na sociedade, o que inclui as questões relacionadas ao velho e ao envelhecer.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados revelaram que as crianças mais velhas parecem apresentar mais dificuldades de relacionamento com idosos, embora também o tenham descrito, em sua maioria, como algo positivo. Verificou-se também que, a convivência entre crianças e idosos parece ficar menos frequente com o passar do tempo. Não obstante, independentemente da idade, todas as crianças participantes indicaram que possuem dúvidas sobre a velhice. Ressalta-se a relevância de investimento de ações educativas sobre o tema na mais tenra idade, para que essas mudanças ocorridas ao longo do crescimento das crianças possam ser atenuadas ou melhor elaboradas pelos envolvidos.

Este estudo fornece elementos para somar sobre a importância de práticas educativas sobre o tema, para que a criança compreenda com maior profundidade quem é a pessoa idosa e para estimular e potencializar o convívio intergeracional, valorizando esse laço afetivo, exercitando a convivência com a diversidade.

Com o engajamento contínuo das novas tecnologias e as informações as quais as crianças são vulneráveis, como a influência da mídia, é imprescindível que ações em diferentes contextos, em especial na família e na escola, possam maximizar o diálogo e a vivência de relacionamentos diversos, incluindo aí os intergeracionais.

Apona-se a relevância de investir em elementos que forneçam subsídios para a reflexão e compreensão mais positiva sobre a velhice, de modo a ampliar a concepção das crianças, favorecendo sua construção de mundo e do que o compõe, de forma a favorecer a convivência com respeito e tolerância à diferença.

#### REFERÊNCIAS

ARRAIS, A. R. *et al.* O lugar dos avós na configuração familiar com netos adolescentes. **Rev. Kairós Gerontol.**, São Paulo, Brasil, p. 159-176, 2012.

BOTH, A. Escola, currículo, qualidade de vida e integração de gerações. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, Passo Fundo, p. 43-51, jul./dez. 2006.

CAMARANO A. A., KANSO S., MELLO J. L. Como vive o idoso brasileiro? In: Camarano A. A. **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA; 2004.

COTLE, N. R.; GLOVER, R. J. Combating ageism: change in student knowledge and attitudes regarding aging. **Educational Gerontology**, 33, 501-512, 2007.

DIAS, C. M.; SILVA, M. A. Os avós na perspectiva de jovens universitários. **Rev. Psic. Est.**, Maringá, v. 8, n. esp., p. 55-62, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa08.pdf>> Acesso em: 23 nov. 2016.

DUNHAM, C. C.; CASADONTE, D. Children's attitudes and classroom interaction in an intergenerational education program. **Educational Gerontology**, v. 35, n. 5, p. 453-464, 2009.

GVOZD, R.; DELLAROZA, M. S. G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** v. 15, n. 2, p. 295-304, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-98232012000200012&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-98232012000200012&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em 12 jun. 2017.

HERÉDIA V. B. M.; CASARA M. B.; CORTELLETTI I. A. Impactos da longevidade na família multigeracional. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol.** n. 10, p. 07-28, 2007.

LEFÈVRE *et al.* Assistência Pública à Saúde no Brasil: estudo de seis ancoragens. **Saúde e Sociedade**. v. 11, n. 2, p. 3-47, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v11n2/04.pdf>. Acesso em 24 jun 2017.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo: a metodologia do discurso de sujeito coletivo**. Brasília: Líber livro, 2010.

LEI n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. **Dispõe sobre o estatuto do idoso**. Diário Oficial da União. Brasília, DF, 2003.

LEMOS, R. M. F.; SANTOS, L. R.; PONTES, F. A. R. Percepções de Adolescentes acerca de seus Encontros Familiares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 25, n.1, p. 39-43, 2009.

LUCHESE B. M.; PAVARINI S. C. I.; VIANA A. S. Cognitive alterations of the elderly in home settings and the attitudes of children towards aging. **Rev Esc Enferm USP**, v. 46, v. 2, p. 335-41, 2012.

LUCHESE, B. M. **Crianças que convivem com idosos: atitudes em relação à velhice percepção sobre demência**. 2011. 192 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2011.

MARANGONI, J.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: Falcão, D.V. **A família e o idoso: desafios da contemporaneidade**. Campinas (SP): Papyrus, 2010, p. 37-56.

MAZUTTI, C.; SCORTEGAGNA, H. M. Velhice e envelhecimento humano: concepções de pré-escolares do município de Tapejara – RS. **Rev. Bras. Cien. Env. Hum.**, Passo Fundo, p. 101-112, 2006.

MCGUIRE, S. L.; KLEIN, D. A.; COUPER, D. Aging education: a national imperative. **Educational Gerontology**, v.31, p. 443-460, 2005.

MENDES, M. G.; ALVES, J. F. Percepção de auto-eficácia na influência sobre os adolescentes: o ponto de vista dos avós. **Rev. Kai. Gerontol**, v. 7, n. 2, p. 83-94, 2004.

MÜHL, E. E.; ESQUINSANI, V. Diálogo: ressignificação da prática pedagógica no cotidiano escolar. In: MÜHL, E. H.; ESQUINSANI, V. A. **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UPF, 2004. p. 7-14.

NERI, A. L. **Psicologia do Envelhecimento**. Campinas: Papirus, 1995.

OLIVEIRA, A. R. V. **Avosidade: visão das avós e de seus netos**. Brasília. Dissertação (Mestrado em Gerontologia). Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2009.

OLIVEIRA, N. A. *et al.* Avaliação da atitude das crianças que residem com idosos em relação à velhice. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 28, n. 1, p. 87-94, 2015.

POSTIGO, J. M. L., HONRUBIA, R. L. The co-residence of elderly people with their children and grandchildren. **Educational Gerontology**, Taylor e Francis Group, n. 36, 330-349, 2010.

PRATT, F. **Why teaching about aging?** Última atualização: 01 jul 2005.

RAMOS, A. C. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. **Educ. Real**, v. 34, n. 2, p. 239-260, mai/ago 2009.

RAMOS, A. C. Sobre avós, netos e cidades: entrelaçando relações intergeracionais e experiências urbanas na infância. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 128, p. 629-996, jul/set 2014.

REALI, A. M. M. R.; TANCREDI, R. M. S. P. A importância do que se aprende na escola: a parceria escola-famílias em perspectiva. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 15, n. 31, p. 239-247, 2005.

RIBEIRO, N. V.; BÉSSIA, J. F. **As contribuições da família para o desenvolvimento da criança na educação infantil**. Trabalho de Iniciação Científica, Faculdades Integradas de Aracruz, 2015.

ROSENMAYR, L.; KÖCKEIS, E. Propositions for a sociological theory of ageing and the family. Paris, **International Social Science Journal**, v. 15, p. 410-437, 1963.

SCHMIDT, C. **As relações entre avós e netos: possibilidades co-educativas?** Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS), 2007.

SOUZA, A. F. **Avosidade: A Relação Entre Avós e Netos**. 2014. 24 pg. Monografia. (Pró-Reitoria de Graduação - Serviço Social) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.

SOUZA, L. **Avós e netos: uma relação afectiva, uma relação de afectos**. Lisboa (Portugal): Universidade Católica Portuguesa. Revista Povos e Culturas. Os avós como educadores, v. 10, p. 39-50, 2006.

TARALLO, R S. As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. **Rev. Kai. Gerontol.**, n. 18, p. 39-55. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP, 2015.

WAITES, C. E. Grandparents Communicating with Grandchildren: Fostering Intergenerational Understanding. **Journal of Health & Social Policy**, Haworth Press, p. 149-165, 2007.

WEGNER, E.; BENITEZ, L.B. O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. Santa Cruz do Sul (RS), **Rev. Jov. Pesq.**, v. 3, n. 2, p. 92-101, 2013.

WILDING, R. 'Virtual' intimacies? Families communicating across transnational con-texts'. New Jersey, **Global Networks**, v. 6, n. 2, p.125–142, abr. 2006.

YAMASHIRO, J. A.; MATSUKURA, T. S. Cotidiano e estresse de avós de crianças com deficiência e de avós de crianças com desenvolvimento típico. **Estud. interdiscipl. envelhec.**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, p. 8, 2015.

**Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:**

YAMASHIRO, J. A; TRINDADE, T. R; MATSUKURA T. S. Crianças e Velhice: Intergeneracionalidade e Abordagem do Tema no Ensino Fundamental. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 3, art. 9, p. 150-165, mar. 2020.

Contribuição dos Autores	J. A. Yamashiro	T. R. Trindade	T. S. Matsukura
1) concepção e planejamento.	X	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X	X